

**O licor precioso e a água chilra:
A Guerra de Canudos nas crônicas de Machado de Assis
e Olavo Bilac¹**

Dácia Ibiapina da Silva²

Resumo

Através das crônicas de Machado de Assis e Olavo Bilac publicadas em jornais da época, no Rio de Janeiro, faz-se uma análise da forma como a Guerra de Canudos, que ocorreu no interior da Bahia, entre 1896-1897, era vista e representada por estes intelectuais, em textos que mesclam literatura e jornalismo. Constata-se que esta guerra estava carregada de significações políticas, literárias e jornalísticas, percebidas e apropriadas de maneira distinta por estes dois autores.

Introdução

O final do século XIX no Brasil foi marcado por importantes transformações políticas, entre as quais se destacam a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da república em 1889. A cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, viveu naquele fim de século um processo de urbanização considerado então acelerado e modernizante, que alcançou seu ápice na primeira década do século seguinte, com a administração do Prefeito Pereira Passos (1902/1906). Esta modernização estava associada principalmente ao avanço dos transportes coletivos, com o surgimento dos primeiros bondes elétricos, ao alargamento e pavimentação de ruas, aos projetos de sanitização e higienização da cidade, então infestada por vários tipos de doenças contagiosas, como a febre amarela, por exemplo. A presença da imprensa, através de jornais e revistas, no cotidiano dos cariocas, paulistas, baianos e demais brasileiros, também constitui um dado importante deste processo de modernização.

¹ Trabalho submetido à coordenação do GT História e Comunicação da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) para apresentação durante o XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a se realizar no Rio de Janeiro, de 06 a 10/09/1999, na Universidade Gama Filho.

² Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, aluna de doutorado do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA/UFRRJ.

Com o fim da escravidão, surgiu o problema da falta de mão de obra no país para as lavouras, especialmente a do café. Os grandes fazendeiros pressionaram o governo republicano no sentido de facilitar e estimular a substituição da mão de obra escrava por imigrantes pobres, de preferência dóceis e trabalhadores. As polêmicas em torno da imigração, especialmente a de chineses e japoneses, considerados “amarelos”, aqueceu os debates entre os intelectuais e políticos da época em torno da questão racial. Que efeitos poderiam ter os cruzamentos raciais sobre a índole do povo brasileiro? Que tipo de imigração deveria ser estimulada: brancos europeus? Negros africanos? “Chins” amarelos?

Mas o panorama político e social do final do século XIX no país ainda não estava completo. Afinal o país não era só o Rio de Janeiro e São Paulo. Naquele final de século surge no interior da Bahia a Guerra de Canudos, um tema que iria ocupar não só os militares, mas a mente, os corações e as páginas dos jornais do Brasil na época. Afinal quem eram e o que queriam aqueles brasileiros que viviam no sertão e que ousaram desafiar as leis da santa igreja católica e as leis republicanas? Aquela guerra trouxe novos dados para o debate da questão racial e sobretudo para o debate sobre a identidade nacional.

A Guerra de Canudos foi um dos mais importantes movimentos armados rurais já ocorridos no Brasil. Os combates entre os homens de Antonio Conselheiro, líder da rebelião no interior da Bahia e as tropas militares governamentais ocorreram entre outubro/1896 e outubro/1897, durante os quais brasileiros enfrentaram brasileiros, com muitas baixas de ambos os lados, principalmente do lado dos conselheiristas entrincheirados no arraial de Canudos, que foi completamente destruído e queimado ao final da guerra.

Esta luta sangrenta marcou profundamente a história brasileira do final do século XIX e foi imortalizada na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicada pela primeira vez em 1902, em São Paulo. Neste livro a temática racial e suas implicações na construção da identidade nacional é abordada de forma significativa.

A Guerra de Canudos teve também repercussão na imprensa escrita da época, brasileira e estrangeira, tendo inclusive Euclides da Cunha deslocado-se para a região como corresponde do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde publicou reportagens sobre a guerra.³

³ Sobre a repercussão da Guerra de Canudos nos jornais brasileiros da época muita coisa tem sido escrita. Uma das obras fundamentais é de Walnice Nogueira Galvão. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1974. Neste livro a autora organiza e publica as reportagens e os telegramas que saíram nos principais jornais da época, durante o ano de 1897, sobre a Guerra de Canudos.

No final do século XIX no Brasil os jornais representavam um espaço de publicação dos mais importantes para os poetas, os romancistas e os literatos de maneira geral.⁴ Boemia, literatura e jornalismo andavam juntos naquele fim de século pelas ruas, pelos bares, pelas redações, da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal da jovem e ainda frágil república brasileira. Dentre os periódicos que circulavam na cidade na época destacava-se a *Gazeta de Notícias*, onde publicavam autores como Machado de Assis, Eça de Queiroz, Raul Pompéia, Raimundo Correia, entre outros. A *Gazeta* era uma espécie de “casa” de poetas e literatos em geral, exercendo grande fascínio sobre os jovens que pretendiam se dedicar às letras. A este respeito se pronuncia o poeta Olavo Bilac, que também teve seus tempos de glória naquele jornal:

“Com o cérebro e o coração cheios de esperanças e de versos, eu parava muitas vezes, naquela feia esquina da Travessa do Ouvidor, e quedava a namorar, com olhos gulosos, as duas portas estreitas da velha *Gazeta*, que para a minha ambição literária, eram as duas portas de ouro da fama e da glória”.⁵

E adiante:

“É que a *Gazeta* daquele tempo, a *Gazeta de Ferreira de Araújo*, era consagrada por excelência. Não era eu o único mancebo ambicioso que a namorava: todos da minha geração tinham a alma inflamada daquela mesma ânsia.”⁶

Serão analisadas neste trabalho sete crônicas de Machado de Assis e sete de Olavo Bilac, sobre o tema da Guerra de Canudos. As do primeiro fazem parte de *A Semana*⁷, coluna que este mantinha no jornal *Gazeta de Notícias* e foram publicadas entre julho de 1894 e fevereiro de 1897. As de Olavo Bilac foram tomadas do livro *Vossa Insolência: Crônicas*,⁸ organizadas por Antonio Dimas. Foram publicadas entre dezembro de 1896 e novembro de 1897, parte na *Gazeta de Notícias*, parte em *O Estado de São Paulo* e em outras publicações da época.

A leitura destas crônicas, mais de um século depois, torna-se esclarecedora sobre como a Guerra de Canudos era vista da distante capital federal. Estes dois ilustres cronistas nos trazem tanto a visão pessoal do tema, quanto o contexto e a repercussão dos fatos nos meios políticos, nos jornais e principalmente nas ruas do Rio de Janeiro.

⁴ Sobre este tema ver o primeiro capítulo de Walnice Nogueira Galvão. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. Op. Cit., pp 15-53. Ver também, entre outros autores: Brito Broca. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. (Coleção Documentos Brasileiros Nº 108). Nelson Werneck Sodré. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

⁵ Raimundo Magalhães Jr. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974, p. 38.

⁶ *Ibid.*, pp. 38-39.

⁷ Joaquim Maria Machado de Assis. *A semana*. São Paulo: W.M. Jackson Inc., 1957. 2º e 3º Volumes.

⁸ Olavo Bilac. *Vossa insolência: crônicas*. Organização Antonio Dimas. São Paulo: Companhia de Letras, 1996.

A expressão “O licor precioso e a água chilra” utilizada no título desta comunicação foi inspirada em uma das crônicas de Olavo Bilac no jornal *Gazeta de Notícias*, onde ele comenta a substituição de Machado de Assis por ele, como cronista daquele jornal. Como se verá posteriormente. Bilac então atribui as qualidades de “licor precioso” e de “água de chilra” ao estilo de Machado de Assis e ao seu próprio, respectivamente. Qualificações das quais a autora deste texto discorda e as utiliza apenas por sua força literária, como aliás o faz Olavo Bilac.

A crônica: entre literatura e jornalismo

O termo crônica designa atualmente um tipo de relato pessoal, geralmente breve, leve, humorado, relativo ao cotidiano. Antes porém houveram as chamadas crônicas históricas, relatos históricos sobre reis, governos, etc, com o objetivo de registrar na memória fatos e acontecimentos, desde uma perspectiva do presente.

A crônica jornalística é filha do folhetim francês do século XIX, não o romance folhetim ou romance rocambolé – ficções em fatias diárias - que se transformariam em isca para atrair e segurar assinantes principalmente a partir dos anos quarenta do século passado. A crônica no jornal aparece primeiramente no rés-de-chão, o rodapé da primeira página dos jornais, parte de leitura mais fácil, onde se mesclavam vários assuntos e que na França tinha o nome de “feuilleton”, “variétés” ou “melanges”. Com os avanços técnicos e de linguagem da imprensa a crônica foi se definindo como um gênero, misto de literatura e jornalismo, ganhando novos espaços nos jornais e nas revistas.

No Brasil a crônica representou sempre um espaço importante e atraente aos escritores, já que os jornais são mais acessíveis e geralmente têm mais leitores do que os livros, principalmente no final do século passado, época em que os periódicos eram o principal veículo de comunicação no Brasil. Machado de Assis e Olavo Bilac, ambos fizeram considerações sobre o ato de escrever crônicas para publicação em jornais:

Quando Machado de Assis foi solicitado a selecionar as crônicas que gostaria de ver publicadas em sua *Obra Completa*, ele escolheu apenas seis e se justificou:

(...) “não tinha pretensão de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”.⁹

⁹ Citado por Antonio Cândido. A vida ao rés-de-chão (prefácio). In: Andrade, Carlos Drummond de (et. al.). Para gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 1979-80.

Olavo Bilac, por sua vez, escreveu na *Gazeta de Notícias*, em 13/01/1901:

“Qual de vós, irmãos, não escreve todos os dias quatro ou cinco tolices, que desejariam ver apagadas ou extintas? Mas, ai! De todos nós! Não há morte para as nossas tolices! Nas bibliotecas e nos escritórios dos jornais, elas ficam, as pérfidas!, catalogadas; e lá vem um dia em que um perverso qualquer, abrindo um daqueles abomináveis cartapácios, exuma as malditas e arroja-as à face apalermada de quem as escreveu...”¹⁰

Com esta observação Bilac atingiu de uma só penada todos que hoje bisbilhotam suas crônicas e as dos demais cronistas e as transformam em fonte de pesquisa. É de Bilac também a seguinte observação a propósito da substituição de Machado de Assis por ele na *Gazeta de Notícias*:

“(…) Na “Crônica”,¹¹ neste aposento reservado em que se apura a resenha semanal dos casos, vivo há pouco tempo. Já moraram aqui vários espíritos formosos: um deles, que me precedeu, foi o espírito de Machado de Assis, um nababo egoísta, que, um belo dia, ali por volta de 1897, meteu dentro de um saco as luzes e os perfumes, as estrelas e as rosas que costumava espalhar por esta seção, e levantou acampamento, obrigando o leitor, habituado ao licor precioso do seu estilo, a contentar-se com a água chilra do meu”.¹²

O licor precioso, a água chilra e a Guerra de Canudos

As crônicas de Machado de Assis e Olavo Bilac sobre Canudos seguem linhas diferentes, compatíveis com as características e o estilo de cada um destes dois autores. O último adota um ponto de vista bastante explícito sobre a Guerra de Canudos, que facilmente pode ser enquadrado hoje como conservador. No caso do segundo, predomina a ambigüidade, típica de Machado de Assis, não só porque ele evitava tomar partido em questões políticas, mas porque sua visão de mundo dificultava o enquadramento das pessoas e dos fatos em categorias rígidas. Na obra literária de Machado de Assis tudo leva a crer que para ele a fronteira entre o vivido e o inventado, a ficção e a realidade, é frágil. Tão frágil quanto a separação entre bem e mal, virtude e defeito, ilusão e realidade.

Uma análise comparativa das crônicas de Olavo Bilac e de Machado de Assis é pertinente porque elas se inscrevem e se escrevem no mesmo contexto: versam sobre o mesmo tema, foram publicadas em periódicos sob o mesmo formato (a crônica), sendo que parte delas no mesmo jornal

¹⁰ Cidado por Antonio Dimas. Op. Cit. , pp. 21-22.

¹¹ Quando Olavo Bilac substituiu Machado de Assis na *Gazeta de Notícias*, a coluna *A Semana* passou a chamar-se *Crônica*.

e no mesmo espaço (*A Semana e Crônica da Gazeta de Notícias*), ambos eram autores já bastante conhecidos e experientes no ofício de redigir e publicar textos jornalísticos e literários quando escreveram as referidas crônicas.

Esta comparação, de imediato, ressalta formas distintas de representação da guerra nos sertões da Bahia, distintas visões de mundo e distintas filiações literárias. Machado de Assis percebeu muito claramente a riqueza poética e literária do que estava ocorrendo nos sertões da Bahia e é este o enfoque que prevalece nas suas crônicas, como se verá a seguir. Bilac, por sua vez, era um militante político apaixonado pela causa republicana nacional, então muito marcada por uma visão positivista da realidade. Onde Machado de Assis via poesia; Bilac via misticismo, fanatismo e irracionalismo; por isso suas crônicas, apesar de literárias, se aproximam muitas vezes do discurso político.

As crônicas de Machado de Assis sobre Guerra de Canudos

As crônicas de Machado de Assis sobre a Guerra de Canudos trazem as marcas características do seu estilo literário: sutileza, tolerância, ceticismo, ironia. Machado trata Antônio Conselheiro como se fosse um de seus personagens prediletos, por isso não o vê como inteiramente bom, nem como inteiramente mal, mas como um ser humano complexo e ambivalente, pelo qual se deixa fascinar. Ele nunca o chama de fanático, salteador, neurótico, ou coisa que o valha. Na primeira crônica que escreveu sobre Antônio Conselheiro e seus seguidores, em 22/07/1894, Machado deixa clara sua visão, poética e irônica ao mesmo tempo, sobre a rebelião e o seu líder:

“Telegrama da Bahia refere que o Conselheiro está em Canudos com 2000 homens (dous mil homens) perfeitamente armados. Que Conselheiro? O Conselheiro. Não lhe ponhas nome algum, que é sair da poesia e do mistério. É o Conselheiro, um homem, dizem que fanático, levando consigo a toda a parte aqueles dous mil legionários. Pelas últimas notícias tinha já mandado um contingente a Alagoinhas. Temem-se no Pombal e outros lugares os seus assaltos.

(...) Jornais e telegramas dizem dos clavinoteiros e dos sequazes do Conselheiro que são criminosos; nem outra palavra pode sair de cérebros alinhados, registrados, qualificados, cérebros eleitorais e contribuintes. Para nós, artistas, é a renascença, é um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma. É a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura dêste fim de século(...)

Sim, meus amigos. Os dous mil homens de Conselheiro, que vão de vila em vila, assim como os clavinoteiros de Belmonte, que se metem pelo sertão, comendo o que arrebatam, acampando em vez de morar, levando moças naturalmente, moças cativas, chorosas e belas, são os piratas dos poetas de 1830(...)

¹² Citado por Antonio Dimas. Op. Cit., p. 12.

“Crede-me, êsse Conselheiro que está em Canudos com os seus dous mil homens, não é o que dizem telegramas e papéis públicos. Imaginai uma legião de aventureiros galantes, audazes, sem ofício nem benefício, que detestam os calendários, os relógios, os impostos, as reverências, tudo o que obriga, alinha e apruma(...)”¹³

Esta crônica deixa muitas dúvidas sobre a forma como Machado via politicamente o movimento de Canudos no interior da Bahia, porque é a visão literária do episódio que prevalece, o que permite ao autor se esconder atrás da ironia e da ambigüidade. Quando ele fala das normas, das leis e dos costumes que os rebeldes estariam contestando, fica claro que é Machado quem está contestando, é ele que está cansado da monotonia, dos horários, das etiquetas, das convenções e da casaca. Os seguidores do Conselheiro no sertão tinham outros valores e outros interesses a defender. Seu estado de abandono e de miséria era tão grande que dificilmente poderiam ser tomados por piratas românticos. Mas aquele ainda era o ano de 1894 e Machado estava no Rio de Janeiro. Euclides da Cunha e os outros enviados dos jornais ainda não estavam no sertão e a guerra propriamente dita ainda não havia começado. É atraente a idéia de se imaginar Machado chegando ao chamado “teatro” da chamada “guerra do fim do mundo” e tomando um choque de realismo.

Dois anos e meio depois de escrever esta crônica, em 31/01/1897, após já haver publicado mais três outras crônicas sobre o tema de Canudos, Machado reafirma sua visão poética sobre o movimento:

“Os direitos da imaginação e da poesia hão de sempre achar inimiga uma sociedade industrial e burguesa. Em nome dêles protesto contra a perseguição que se está fazendo à gente de Antônio Conselheiro. Êste homem fundou uma seita a que se não sabe o nome nem a doutrina. Já êste mistério é poesia.” (...)

“Não trato, porém, de conselheiristas ou não conselheiristas; trato do conselheirismo, e por causa dêle é que protesto e torno a protestar contra a perseguição que se está fazendo à seita. Vamos perder um assunto vago, remoto, fecundo e pavoroso.”(...)

“A perseguição faz-nos perder isto; acabará por derribar o apóstolo, destruir a seita e matar os fanáticos. A paz tornará ao sertão, e com ela a monotonia. A monotonia virá também à nossa alma. Que nos ficará depois da vitória da lei?”(...)

Mais uma vez tem-se aqui Machado queixando-se da rotina e da monotonia e defendendo enfaticamente o movimento conselheirista, em nome da imaginação e da poesia. Tem-se aqui um

¹³ Esta crônica publicada em *A Semana*, de 22/07/1894. Op. Cit., pp.143-147, foi depois editada por Machado de Assis nas *Páginas Recolhidas* com o nome de “*Canções de Piratas*”. Os textos de Machado de Assis estão escritos em português da época, conforme foram editados na obra que estamos utilizando.

caso exemplar de defesa de uma causa popular por um intelectual, em nome da estética, da pureza, da autenticidade da vida rural, em contraposição à urbana.

No conjunto das sete crônicas de Machado analisadas neste trabalho pode-se perceber que freqüentemente ele critica a sociedade da época nas entrelinhas ou através de pequenos comentários que insere no texto, que a rigor está tratando de outro tema. Ele usa a Guerra de Canudos como pretexto para criticar a política e os políticos, a boataria, a falta de urbanização e saneamento na cidade do Rio de Janeiro na época, o clero, a câmara dos deputados, a fraude eleitoral, o jogo do bicho, etc, etc, etc.

Machado de Assis, nestas crônicas, também se refere a alguns aspectos da modernidade no Rio de Janeiro. O telégrafo é um de seus preferidos. Parte da repercussão da Guerra de Canudos na imprensa nacional e estrangeira deve-se ao telégrafo. Não foi sem propósito que uma das primeiras providências da quarta expedição do exército a Canudos foi a construção da linha telegráfica ligando Queimadas a Monte Santo.

Machado inicia a crônica de 20/09/1896 referindo-se ao telégrafo:

“Toda esta semana foi feita pelo telégrafo. Sem essa invenção, que põe o nosso século tão longe daqueles em que as notícias tinham de correr os riscos das tormentas e vir devagar como o tempo anda para os curiosos, sem essa invenção esta semana viveria do que lhe desse a cidade. Certamente, uma boa cidade como a nossa não deixa os filhos sem pão; fato ou boato, eles teriam algo que debicar. Mas, enfim, o telégrafo incumbiu-se do banquete.”(...) ¹⁴

Em outros trechos de outras crônicas vemos Machado às voltas com a fascinante imagem de Antônio Conselheiro. Não cansa de se referir às barbas, à cabeleira, ao burel, ao bastão, às armas do Conselheiro. Machado põe-se a imaginar o Conselheiro eleito deputado entrando na Câmara em dia de sessão, vestido a caráter; põe-se a imaginar Conselheiro investido chefe de Estado e governando próximo da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro; põe-se a imaginar Conselheiro andando pelo sertão seguido pela multidão. Enfim, não resta a menor dúvida de que para Machado de Assis Antônio Conselheiro era um personagem, um herói, e que sua existência física era uma espécie de logro da realidade sobre a ficção.

Para Machado de Assis o heroísmo de Conselheiro está sobretudo na sua capacidade de mobilização e de contestação de valores. Diz Machado “(...) Um homem que, só com a palavra de fé, e a quietação das autoridades congrega em torno de si três mil homens armados é alguém.

¹⁴ Machado de Assis. *A Semana*. Op. Cit., p. 279.

Certamente não é digno de imitação; chego a achá-lo detestável; mas que é alguém, não há dúvida”.¹⁵ Em outra crônica, de 14/02/1896, Machado fala que Conselheiro é uma celebridade, que seu nome deve entrar para o imaginário coletivo e que seus feitos têm grande repercussão:

“Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na da rua de S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

- Me dá uma fôlha que traz o retrato dêsse homem que briga lá fora.
- Quem?
- Me esqueceu o nome dêle.

Leitor obtuso, se não percebeste que “êsse homem que briga lá fora” é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. (...) A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residirem (...)”¹⁶

Esta crônica ilustra muito bem o estilo do autor. É muito rica em imagens. Cinematográfica mesmo. Tem-se aqui a presença forte do narrador e a exigência de um leitor participante, que vai sendo instigado pelo narrador. O tempo se dilata entre passado, presente e futuro. A passagem do tempo, sugerida na crônica, possibilita novos pontos de vista. Ao tentar transportar o leitor para o futuro, Machado consegue um distanciamento em relação ao presente que lhe permite ter verdadeiras premonições sobre o futuro da rebelião em Canudos.

Além de prever que Conselheiro passaria a fazer parte do imaginário nacional, Machado previu também que algum autor escreveria um livro sobre a Guerra de Canudos; e mais, previu que haveria celebrações no centenário da mesma. Estas previsões estão todas na seqüência da crônica mencionada acima:

“Ora bem, quando acabar esta seita dos Canudos, talvez haja nela um livro sôbre o fanatismo sertanejo e a figura do Messias. Outro Coelho Neto, se tiver igual talento, pode dar-nos daqui a um século um capítulo interessante, estudando o fervor dos bárbaros e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais fácil tê-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade¹⁷ não fêz nada. Quem sabe? Talvez então algum devoto, relíquia dos Canudos, celebre o centenário desta finada seita.
18

¹⁵ Machado de Assis. *A Semana*. Op. Cit. , p. 347.

¹⁶ *Ibid.*, pp. 412-413.

¹⁷ Aqui Machado deve estar se referindo à missão do Frei João Evangelista de Monte Marciano, capuchinho italiano, que foi enviado a Canudos, pelo arcebispo da Bahia, com outros dois companheiros, com o objetivo de pacificar os rebeldes e fazer com que a comunidade de Canudos voltasse a obedecer à igreja católica, em 1895.

¹⁸ *Ibid.*, p. 416.

Um tema recorrente no conjunto de crônicas machadianas sobre Canudos é a defesa que ele faz da liberdade de imprensa, de religião e, principalmente, da liberdade de expressão. Esta defesa no entanto não é feita em detrimento das críticas aos jornais. Machado desconfia seriamente dos telegramas que chegam de Canudos e que são publicados nos periódicos.

Na crônica de 31/01/1897, da qual já foram reproduzidos aqui alguns trechos, Machado comenta a atuação dos jornais e em especial os telegramas:

“O correspondente da Gazeta de Notícias mandou ontem notícias telegráficas, cheias de interesse, que tôda gente leu, e por isso não as ponho aqui; mas, em primeiro lugar, escreve da capital da Bahia, e, depois, não se funda em testemunhas de vista, mas de outiva; deu-se honesta pressa em mandar as novas para cá, tão minunciosas e graves, que chamaram naturalmente a atenção pública. Outras fôlhas também as deram; mas serão todas verdadeiras? “(...)

E, adiante:

(...) “Nenhum jornal mandou ninguém aos Canudos. Um repórter paciente e sagaz, meio fotógrafo ou desenhista, para trazer as feições do Conselheiro e dos principais subchefes, podia ir ao centro da seita nova e colhêr a verdade inteira sôbre ela. Seria uma proeza americana.”(...)

Estas observações de Machado sobre a imprensa são surpreendentemente avançadas para a época, e certamente podem também ser elencadas entre as suas premonições. O que ele estava cobrando dos jornais da época é a apuração da notícia e a presença, no local dos fatos, de um profissional que hoje conhecemos como repórter fotográfico. Machado antecipa também a superioridade dos americanos, que hoje são imbatíveis em tecnologia de comunicação.

O museólogo Cícero Antônio F. de Almeida,¹⁹ ao analisar em artigo o álbum fotográfico de Flávio de Barros sobre a Guerra de Canudos lembrou-se da crônica de Machado de Assis mencionada acima e observou que o vaticínio machadiano cumpriu-se de alguma forma, através de Flávio de Barros, embora suas fotos não tenham sido impressas nos jornais da época, pois eles ainda não eram ilustrados com fotografias, segundo este pesquisador.

As crônicas de Olavo Bilac sobre a Guerra de Canudos

¹⁹“ O álbum fotográfico de Flávio de Barros: memória e representação da guerra de Canudos”. In: Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. V. 1, N. 1, (Jul-out 1994). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1997. P. 306.

Ao contrário de Machado de Assis, Olavo Bilac escreveu suas crônicas sobre Canudos quando a guerra estava na sua fase mais dramática. A primeira delas, datada de 11/12/1896, intitulada “*Antônio Conselheiro*”, foi escrita logo após a derrota da primeira expedição a Canudos, comandada pelo tenente Manoel da Silva Pires Ferreira, derrotada em Uauá.

Nesta primeira crônica ele reproduz, naturalmente no seu estilo, a lenda sobre a mãe e a mulher de Antônio Conselheiro. Diz a lenda que a mãe do Conselheiro não se entendia com a nora, com quem se atritava freqüentemente. Um dia o Conselheiro perguntou-lhe porque ela não deixava sua mulher em paz. A mãe então procurou convencer o filho de que a nora o traía com outro homem e recomendou que ele simulasse uma viagem para obter um flagrante. Conselheiro aderiu ao plano da mãe e despediu-se da mulher, fingindo que ia viajar. Escondeu-se na chácara e viu, à noite, um vulto de homem aproximar-se de sua casa. Não resistindo ao primeiro impulso, Conselheiro atira no homem, descobrindo depois que tinha matado a própria mãe, disfarçada de homem. O desespero o levou a abandonar a família, o lar, e sair pelo mundo a fora, transformando-se no Conselheiro, líder da rebelião de Canudos.

Bilac recorreu à lenda, na tentativa de explicar a personalidade de Antônio Conselheiro, que para ele era “um maluco acabado e um refinadíssimo patife.”²⁰ Pesquisas já demonstraram que esta lenda não corresponde à verdade, mas, sem dúvida, tem a força e a capacidade de explicação do mito. Bilac não se furtou de recorrer a ela para justificar seu ponto de vista sobre a Guerra de Canudos, deixando o flanco aberto aos pesquisadores bisbilhoteiros.

Em 05/02/1897, na crônica intitulada “*Malucos furiosos*”, Bilac reafirma sua visão sobre a Guerra de Canudos e sobre o seu líder:

“Não se trata, pois, de uma simples rebelião, facilmente dominável. A guerra civil de Canudos é muito mais grave do que a do Rio Grande do Sul e a da revolta naval, porque é uma guerra feita por fanáticos, por malucos furiosos que o delírio religioso exalta – gente que vem morrer agarrada à boca das peças, tentando tomá-las a pulso.”²¹

Bilac estava correto quanto à gravidade da situação. O tempo demonstrou que de fato a rebelião de Canudos se transformou em uma guerra.

Em 14/03/1897, Bilac publica na *Gazeta de Notícias* a crônica “*3ª Expedição*”, sob o impacto da derrota da referida expedição, comandada pelo general Moreira César, ferido mortalmente em combate, no dia 02/03/1897, vindo a falecer no dia seguinte. Esta morte foi uma

²⁰ Olavo Bilac. *Vossa insolência: crônicas*. Op. Cit., p. 387.

vitória significativa dos conselheiristas, porém seu impacto foi a chama que faltava para explodir o barril em que se transformou o arraial de Canudos. Debelar os rebeldes vitoriosos virou questão de honra nacional.

Nesta crônica, como de resto nas demais, Bilac assume com entusiasmo a bandeira republicana. Ele está convencido de que a rebelião de Canudos é um movimento restaurador da monarquia e pede que ela seja sumariamente eliminada:

“No vulto ascético do Maciel, esquelético e sujo, arrastando pela poeira dos sertões as suas longas barbas de Iniciado, construindo igrejas que têm nas torres canhões em vez de sinos e cemitérios em que se plantam carabinas em vez de cruzes, e vestindo, como o cura Santa Cruz, um burel sobre o cabo do punhal e a coroa da pistola – encarnou-se a propaganda perversa que, só tratando das cousas do céu, só quer as cousas da terra, e que se diz aconselhada e dirigida por Deus, como se Deus tivesse tempo disponível para se preocupar com sistemas de governo...

Mas, a máscara caiu. Já agora, não há de ser fácil ao monarquismo pregá-la outra vez na cara descomposta.”²²

Bilac aproveita a ocasião para tecer duras críticas ao clero, que segundo ele, esconde interesses políticos e econômicos sob as vestes religiosas, como o Conselheiro sob o seu burel. Em um pequeno trecho desta crônica Bilac, ao contrário de Machado de Assis, prevê que Conselheiro e seus seguidores vão desaparecer da memória nacional:

“Em breve, já nem memória há de restar da afronta: haverá apenas a glória dos que morreram e a glória dos que souberam vingá-los. E esta “Crônica” voltará a ser alegre – porque nem mesmo hoje, nestes dias de luto e sangue, conseguiu ela ser triste.”²³

Em crônica de 19/03/1897, intitulada “*Segredo de Estado*”, Olavo Bilac defende a decretação do estado de sítio, para evitar que sejam divulgadas informações estratégicas sobre a Quarta Expedição:

“A discrição necessária (e mais do que necessária: imprescindível) seria fácil e imediatamente conseguida com a decretação do estado de sítio. Já sei que o simples enunciado desta idéia causa arrepios de indignação e de terror a muita gente.(...)”²⁴

As três crônicas seguintes de Bilac, sobre o tema da Guerra de Canudos, são posteriores à vitória da Quarta Expedição (em 05/10/1897) e, conseqüentemente, ao final da guerra. Na crônica

²¹ Ibid., p. 403.

²² Ibid., pp. 393-394.

²³ Ibid., p. 394.

²⁴ Ibid., p. 410.

“*Cidadela maldita*”, de 09/10/1897, mais uma vez, Bilac reafirma seu ponto de vista sobre a guerra e sobre Antônio Conselheiro:

“Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominado o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava a sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem!

E, ao final:

“Enfim, assaltada e vencida a furna lóbrega, onde a ignorância, ao mando da ambição, se alpardava perversa! Enfim, desmantelada a cidadela-igreja, onde o Bom Jesus facínora, como um cura Santa Cruz de nova espécie, oficiava, tendo sobre o espesso burel a coronha da pistola assassina!...”

A crônica “*Cidadela maldita*” foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 10/10/1897. No dia seguinte foi publicada outra crônica de Bilac, na *Gazeta de Notícias*, em sua coluna “*Crônica*”, intitulada “*Cérebro de fanático*”. Nesta crônica Bilac segue comemorando a vitória da Quarta Expedição, que finalmente pôs fim à Guerra de Canudos e faz especulações sobre o cérebro de Antônio Conselheiro, fato que denuncia sua postura cientista-positivista, tão em voga no final do século XIX no Brasil e no mundo. É interessante contrastar esta postura com a de Machado de Assis, que prefere o elogio da imaginação e da poesia ao positivismo e à prosa naturalista da época, como visto anteriormente.

Segundo Bilac, seria interessante estudar aquele “cérebro fanático”. Sem tempo para esperar o resultado das pesquisas, ele cria uma fantasia: imagina que um médium invoca o espírito do cirurgião antropólogo francês Paul Broca para dissecar e descrever o cérebro de Antônio Conselheiro. Bilac usa então o espírito famoso de Broca para dizer tudo o que pensa sobre a guerra e seu líder:

“Aqui tenho nas mãos a sua cabeça calva, polida, amarela como marfim velho... Racho-a. Aqui tenho o seu cérebro... oh! Que peso! Que peso! O de Cuvier pesava 1,89 Kg! ... O de Cromwell 2,229 Kg... O de Dupuytren 1,236 Kg... Este deve pesar pelo menos 1 Kg! Tinha talento o maluco!... Vejamos as localizações cerebrais...

“Aqui temos a circunvolução da palavra, enorme, inchada, exuberante... Falava bem, o maluco! Quando ele falava, os homens abandonavam as boiadas e as lavouras, as mulheres abandonavam as casas, e todos vendiam quanto possuíam, e lá se iam em pós ele, ardendo em fé e loucura.

“Aqui temos a localização da palavra escrita... nula: não sabia escrever o Antônio... Também, se tinha tantos secretários, em Canudos, em Minas, na Bahia, na rua do Ouvidor!...”²⁵

²⁵ Ibid., pp.399-401.

Nota-se que Olavo Bilac não foi contaminado pela chamada “consciência dividida” sobre a Guerra de Canudos, que tomou de assalto os intelectuais quando se deram conta da violência e do açodamento com que foram combatidos os sertanejos de Canudos. Esta consciência tardia, pois só aflora de maneira efetiva terminada a guerra, com raras exceções, deu origem à “representação ponderada”, mencionada por Walnice Nogueira Galvão. Pelo conteúdo destas crônicas, Bilac não foi acometido, nem pelo remorso, nem pela ponderação.

Bilac só se torna mais sereno na última crônica, “*Cães de Canudos*”, escrita em 26/11/1897. Aqui o militante republicano dá lugar ao narrador romântico, evocador de imagens cinematográficas:

“Havia, no arraial, um grande número de cães. Cada jagunço tinha o seu cão – companheiro fiel que o acompanhava às caçadas, às batidas do mato, às caminhadas longas pelo sertão velho. Quando o sítio começou, os animais ficaram, como os homens, encurralados no arraial, de orelhas a fito, farejando o perigo, latindo ao luar, alta noite, vigiando as entradas dos desfiladeiros, guardando a toca negra em que o Conselheiro residia com os seus exércitos de jagunços. Mas quando, feroz, o bombardeio principiou a derrubar as casas, os cães abalaram, desvairadamente, fugindo da metralha; não podiam ter a inabalável fé, a crença ardente dos jagunços, nem sobre a alma deles podia ter influência a palavra ardente do Messias sertanejo (...)”²⁶

Na crônica anterior “*Cérebro de fanático*”, como de resto nas demais, Bilac revela-se um intelectual que se deixava levar pela emoção do momento e que não media palavras para expressar seus pontos de vista. O que não deixa de ser uma qualidade quando se trata de um cronista e de um artista. Por outro lado, ele deixava de lado a apuração dos fatos, o compromisso com a objetividade, que também se espera de um jornalista.

Bilac afirma que Conselheiro era analfabeto, o que não é verdade. Já se sabia na época que ele sabia ler e escrever, havia estudado inclusive latim. Bilac recorre a boatos e lendas em sua campanha republicana contra o movimento conselheirista. Seus preconceitos ficaram explícitos neste conjunto de textos: contra mulheres (singelas, fáceis de seduzir, ciumentas, imundas); contra indígenas (quando fala da incompetência da “imprensa indígena”); contra religiosos (falsos, sedutores de mulheres, dissimulados), entre outros.

Outro dado interessante sobre Bilac, evidente nestas crônicas, são as suas contradições: ele defende e critica o estado de sítio; condena o misticismo e as crenças populares, mas recorre a elas

²⁶ Ibid., pp.414-415.

quando lhe convém; defende a qualquer custo a república, mas faz duras críticas aos políticos republicanos. Mas o próprio Bilac reconhece este traço de caráter. Falando sobre a sua relação com a cidade do Rio de Janeiro, a sua “Sebastianópolis”, ele comenta:

“Não poupei injúrias à velha e mal amanhada Sebastianópolis. Lancei-lhe em face, duramente, a sua imundície, o seu relaxamento, a sua falta de banhos, o desleixo do seu vestuário, o seu despenteamento, a sua inércia, a sua apatia. E se tanto e tão acerbamente a invectivava, era porque a amava ardentemente, e ardentemente queria vê-la redimida de tão feias culpas”.

Aplique-se tudo que foi dito sobre o Rio de Janeiro a Canudos e ao Conselheiro e fica mais fácil de entender o cronista Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

Conclusão

A bibliografia sobre a Guerra de Canudos, brasileira e estrangeira, é hoje bastante vasta. Neste universo as crônicas de Machado de Assis e de Olavo Bilac representam apenas gotas da água chilra do açude do Cocorobó²⁷, no sentido de que pouco acrescentam em termos de informações sobre a guerra propriamente dita.

Por outro lado, são crônicas que nos trazem ecos muito fortes do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX, um período histórica e culturalmente muito rico, quando a identidade nacional estava sendo construída, negociada e, às vezes, afirmada a pulso.

Retroceder no tempo, através da pena afiada destes dois cronistas, para encontrar Machado de Assis “comprando gazetas a um homem que as vende na rua de São José”; para ver, através do olhos de Bilac, a mãe de Antônio Conselheiro “estendida por terra, numa poça de sangue, vestida de homem”; para ver os cães de Canudos farejando os restos mortais de seus donos na cidadela arrasada; para viajar com Machado de Assis no bonde elétrico de Santa Teresa; sem dúvida, trata-se de um privilégio. Neste sentido, estas crônicas são gotas de um líquido precioso, pelo menos na opinião da autora deste texto.

²⁷ Um represamento das águas do rio Cocorobó criou um lago artificial que cobriu o antigo arraial de Canudos, privando os brasileiros deste “lugar de memória”. Recentemente uma grande seca no interior da Bahia secou o açude referido, descobrindo as ruínas do antigo arraial.

Bibliografia

- Almeida, Cícero Antônio F. de. O álbum fotográfico de Flávio de Barros: memória e representação da guerra de Canudos”. In: Revista *História, Ciências, Saúde* (Manguinhos). V.1, N. 1, jul-out, 1994. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1997.
- Assis, Machado de. *A semana*. John Gledson (Org.). São Paulo: Hucitec, 1992.
- Bilac, Olavo. *Vossa insolência: crônicas*. Antônio Dimas (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Broca, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- Cândido, Antônio. “A vida ao rés-de-chão”(prefácio). In: Vários autores. *Para gostar de ler crônicas*. São Paulo: Ática, 1980.
- Galvão, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos Jornais*. São Paulo: Ática, 1974.
- Magalhães Jr., Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974.
- Meyer, Marlyse. “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica”. In: Cândido, Antônio. (Org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- Sodré, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.